

A pesquisa que ensina sobre sexo, drogas, rock`n`roll e Aids

As meninas vieram reclamar com os professores que os meninos haviam mentido. Não era verdade que eles usavam camisinha como afirmavam. Ao perceber a movimentação, os meninos gritaram para os professores que as meninas também mentiram. Diziam-se virgens sem ser.

Este embate aconteceu em uma escola do Recife, no momento em que os alunos tabulavam o resultado de uma pesquisa de opinião sobre gravidez na adolescência naquela escola. O confronto provocado pelas respostas "forjadas" acabou deflagrando uma conversa franca sobre sexo, preconceito, tabu, doenças e drogas, entre alunos, alunas e professores.

Alguns anos antes do episódio, o Instituto Paulo Montenegro se perguntava se a pesquisa de opinião que o IBOPE realiza há mais de 60 anos teria uso pedagógico. Os primeiros educadores consultados acharam que sim. Realizamos um seminário para aprofundar o assunto e nele nasceu a apostila Guia do Professor, utilizada em dois projetos pilotos - no Rio de Janeiro e em São Paulo. Aquela altura nós já estávamos quase convencidos de que a pesquisa de opinião seria útil para ensinar geografia, história, português, matemática etc.

Na Escola Estadual Souza Aguiar, de ensino médio, no Rio, a professora de geografia participou de uma oficina de formação e levou para a classe a proposta de realizar uma pesquisa. Os alunos gostaram e partiram para a primeira etapa: definir o tema da pesquisa. Naquela época, a mídia falava muito sobre o vazamento de óleo na Baía de Guanabara, causado pela Petrobrás, e a classe escolheu como tema a poluição na Baía de Guanabara.

Os alunos leram a respeito do assunto para formular as perguntas do questionário e, em um belo dia ensolarado, foram eles para as praias de Botafogo e Flamengo entrevistar os freqüentadores e transeuntes. No animado trabalho de campo foram descobrindo que as pessoas têm opiniões diversas e elas foram rigorosamente registradas. Na volta, coordenadores do projeto e a professora notaram mudanças nos alunos. Eles pareciam engajados à causa da preservação ambiental. Depois de tabulada e analisado o resultado da pesquisa, os alunos decidiram apresentá-la para toda a escola e não apenas para a classe, aproveitando para lançar uma campanha pela preservação do meio ambiente.

Em São Paulo, o piloto foi realizado na Escola Estadual Filomena Mattarazzo, na Zona Leste. Três professores do curso de Magistério participaram da oficina de formação. As alunas aderiram imediatamente à proposta de pesquisar a evasão escolar e o absenteísmo na Escola Municipal Antonio Carlos Andrada, onde estagiavam. Elas entrevistaram mais de 300 alunos (do total de três mil e tanto), todos os professores, o coordenador pedagógico e a diretora. Foi um dia de grande agitação para entrevistadores e entrevistados. Afinal, eles diziam, nunca haviam sido questionados sobre o tema.

Do ponto de vista dos pesquisados, podemos dizer que o assunto entrou de forma ampla na pauta da escola. Pelo lado das pesquisadoras, as futuras professoras coletaram informações importantes sobre as razões da evasão e do absenteísmo em uma escola municipal.

O trabalho (tabulação, processamento e análise dos dados) ofereceu subsídios para os professores esboçarem um diagnóstico do problema e compartilhá-lo com a escola municipal. Foi assim que alunos, professores e coordenadores entenderam, de forma unânime, o uso pedagógico da pesquisa de opinião. A partir dos pilotos - realizados também em mais duas escolas - foi criado o programa Nossa Escola Pesquisa sua Opinião - Nepso, sustentado pela criação de pólos regionais responsáveis pela disseminação da metodologia.

Passados cinco anos, o Nepso acontece em escolas públicas de várias capitais brasileiras (Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília, Porto Alegre/Caxias) e expandiu sua atuação do ensino médio (alvo inicial) para o ensino fundamental e para a educação de jovens e adultos/ EJA. O programa está em fase de implantação em Buenos Aires, na Argentina.

A consolidação do programa só foi vitoriosa graças a uma série de parcerias. Com a ong Ação Educativa, a Unesco, o IBOPE, a UFMG, a PUC/SP, o Centro de Cultural Luiz Freire, o Instituto Votorantim, a WWF, entre outros. O material didático passou da apostila para livros distribuídos nacionalmente: Manual do Professor e o Diário de Pesquisa (voltado aos alunos). Do início até hoje houve uma grande evolução no número de escolas, professores, alunos, de projetos e material didático.

Esse sucesso pode ser creditado ao fato de o NEPSO não ter sido imposto nas escolas, mas ser fruto da adesão voluntária de professores, coordenadores e diretores interessados em novas práticas na direção do ensino público. E a profissionais que entenderam nosso objetivo, não de formar pesquisadores, mas de tornar o processo de aprendizagem mais interessante para o aluno, estimulando-o a se tornar protagonista de seu próprio conhecimento. No NEPSO o professor também é valorizado como centro do processo pedagógico, pois recebe a formação necessária para planejar e realizar projetos utilizando a pesquisa em classe.

Até 2004, mais de 15 mil alunos de escolas públicas já haviam utilizado o NEPSO. Os projetos de pesquisa, mais de 250, abrangem temas amplos como "Drogas, vício ou diversão", "Brasil sem preconceito", "Gravidez na adolescência: o que eu tenho a ver com isso?", "Carta é coisa do passado?", "Violência, você já parou para pensar?", "A TV influi em mim?", "A imagem da mulher na telenovela", "Drogas - esse problema também é seu", "Relação pais e filhos", "Problemas do transporte coletivo em Belo Horizonte", "Torcidas organizadas", "Racismo: imaginário coletivo", "Trabalho infantil: escravidão", "Doação de órgãos: mito ou realidade", "A memória musical de Vila Isabel".

O NEPSO tem se mostrado um instrumento pedagógico eficaz na dinamização da aquisição de conhecimento. Mas nossa experiência nos leva a crer que o programa pode ser útil em práticas educativas que visam a prevenção da Aids. Isso porque a pesquisa na escola, além de um importante instrumento de conscientização, leva estudantes a engajar-se em causas investigadas pelos jovens. Projetos com tema ambiental deflagraram o ardor ambientalista. A investigação sobre preconceito racial acabou levando estudantes à filiação ao movimento negro. É assim que nasce a idéia de colocar o NEPSO a serviço da prevenção das DST/AIDS.

Os alunos de uma escola podem receber material impresso e vídeos de boa qualidade sobre Aids e sua prevenção. Não é o suficiente para comunicar com os jovens a gravidade da doença, porque a sensação é a de que estudantes parecem ver a campanha como algo que pode atingir os outros, não eles. É nesse momento que a realização de um projeto de pesquisa pode fazer a diferença.

É diferente quando o tema DST/AIDS torna-se objeto de uma pesquisa. Os alunos terão de ler o material impresso e assistir ao vídeo para elaborar o questionário. O trabalho de campo poderá significar entrevistas com alunos, pais, portadores, a comunidade vizinha à escola etc. No processo, alunos e professores estarão engajados na produção de novos conhecimentos, na descoberta, na vida real, no que a Aids representa para a população pesquisada.

É na fase da tabulação, da análise e da apresentação dos resultados da pesquisa que os jovens pesquisadores serão levados a refletir e, assim, assimilar a gravidade das doenças e sua prevenção.

A realização de um projeto piloto poderá comprovar esta tese. A expansão, posterior, do projeto nas escolas públicas brasileiras irá confirmar a estratégia inovadora na prevenção de DST / AIDS. E, por que não exportá-la para a África? As tradicionais barreiras culturais, que prejudicam a implementação de programas de prevenção nos países africanos, poderiam ser minadas pelos jovens fazendo projetos pedagógicos de pesquisa de opinião sobre DST / AIDS nas suas comunidades.

Esse é um caminho no qual acreditamos e, se houver parceiros dispostos, estamos prontos para seguir. Quem se habilita?

Fabio Montenegro é cientista social e secretário-geral do Instituto Paulo Montenegro